



Fox' Souza Reis

6661

Alma Infantil.
(Com Illustrações do autor)

A. Garnier.

Livrero Editor.

São considerados falsos todos os exemplares
que não forem rubricados pelo autor.

José Reis
Rio, Janeiro de 1718



DEDICATORIA

Como eu não posso offerrecer-vos
melhor paga pelos esforços e carinhos
paternas, á vós meus Pais, eu consagro
esta minha obra.

Como provas de amor e
gratidão do filho.

José

Rio, Janeiro de 1918.
José Reis
17

ALMA INFANTIL.

PREFACIO.

ESTE livro, no qual desejo
dar alguns conselhos sobre a
educação moral e civica, foi
feito para meus pais

Portanto, meus Pais, os senhores
pódem corrigir o que não con-
cordarem com os conselhos
sobre a instrução civica e
moral.

E' feito para crianças, mas
os senhores pódem corrigir os
erros que aqui encontrarem.

Não é por vaidade que escre

Alma Infanz

vo este livro e sim para pa-
ga dos esforços pater naes e
ma ter naes.

O autor.



Res



← ALMA: INEPTIL →

Alma Infantil.

Primeira Parte

I
O Trabalho

As horas passam rapidas,
 ligeiras e então precisamos
 aproveitá-las, entregando-nos ardo-
 rosamente ao trabalho

Labutar é viver. Só pôde no
 mundo ser feliz quem sabe cum-



prir os deveres que tem na terra
 que aos preguiçosos parecem tan-
 tos e que no entanto são poucos
 para o que se atira ao trabalho
 com ardôr e vontade

Só pôde ser abençoado por
 Deus, aquelle que sabe quaes os
 deveres que tem e sabe cumpril-

os.

Se tivermos alguma coisa para fazer mos, e se pudermos, devemos fazel-a hoje mesmo, porque o dia de amanhã ser a aproveitado para fazermos outra coisa.

O mundo foi feito, mas Deus deixou que os homes o aperteioassem, trabalhando.

Trabalho   vida. O tempo passa e se não o aproveitarmos em coisas uteis, durante todo o resto da vida não poderemos ser felizes.



Alma Infantil

II

DESPREZO

Nada é melhor para combater as más companhias do que o desprezo.

Si tendes más companheiros que vos queiram encaminhar para o horrendo caminho do mal, preferi sempre abandoná-los, porque os más são sempre fracos de alma e não são verdadeiros.

Si tendes sómente companheiros más, preferi andar sózinho pelo caminho do Bem, do que cercado de gente baixa, porque sereis feliz.

"Antes só do que mal acompanhado," diz o proverbio e elle é muito certo.

Não andeis com meninos más, porque nas corações delles reina a alma de Satanaz. Para sermos felizes precisamos ser bons, porque aquelle que vive praticando o que não de ve, jámb no mundo será feliz; e aquelle que pratica uma acção feia que não sabe que ella é feia, recebe do conselhos de algum seu superior, deve seguir os para corrigir e desprezar o mal que reina na sua alma.

Só quem sabe dar bons conselhos e sabe praticá-los é que pôde ser honrado.

Feliz aquelle que dá bons conselhos e pratica-os!

Irmãos! Sejamos bons, pois Deus só abre o paraizo para os que o seguem.

O homem que tem a bondade dentro de sua alma recebe a maior paga de Deus, - a Felicidade -

Alma Infantil

III
Avelhinha

Brigue se ris da pobre estarrapada?
Ella vive na esquina da rua a pedir a esmola... Vês?... É tímida, é fraca. Estende a mão
á cada um que passa, e é por pobreza
sômente.

Com certeza não tem nem mãe nem
pai; é laminta cortada mas não se
rias d'ella.

Quem ri dos pobres nunca pôde ser
feliz, porque Deus, Aquelle que



nos abençoã ama os pobres de alma,
os pobres que soffrem fome e sede.
Os espiritas mais elevados podem e
dévem por piedade socorrer os pobres
que sentem fome sômente por
degração.

Se ~~es~~ rico e bemaventurado hoje, ama-
nhã poderás ser um desgraçado,
porque a felicidade é a vespera da
degração.

Alma Infante IV

União

Entre a família e entre os irmãos deve haver sempre uma união, porque se não nos unirmos, um dia, sem a união, seremos atacados pela fome e morreremos da maneira mais feia e mais horrível.

A união é a força que une as pessoas por um eterno laço de amizade.

Assim, como a gravidade é a força que puxa os objectos para o centro da terra, a união é uma força, é um laço imperceptível que une as pessoas no laço de amizade num enorme laço que é capaz de unir toda a população de uma nação, e também pôde unir toda a população do mundo; é a união que encaminha os povos para a glória e para a civilização.

Anação, na qual não reina a união entre os homens, em tempo de guerra será tomada pelos inimigos porque não havendo união entre os homens, não pôde haver exercito nem marinha e a nação não se pôde defender dos que ousam apoderar-se da patria dos outros.

Como é bello um exercito de mais de milhoes de soldados! Tudo isto revolta da união.



Alma Infantil. União.

Tambem, na familia deve
haver a união. Se não houver a
união os irmãos se desprendem
do formoso laço de amizade, os pais
abandonam os filhos, ficando todos sem
um protector, entregues ao acaso, e final-
mente todos morrem sem força diante
das trabalhos da vida.
A união é que faz a força.



Alma Infantil. V.

Paz

Como tudo é tranquilo onde ha paz,
onde reina a amizade entre os povos!
Paz! Indica a união entre diversas
nações!

Entre os destroços de uma guerra, como
todo o feliz quando entre as cinzas de
uma grande catastrophe surge a figura da
Paz que transforma todos os destroços em
uma linda paisagem onde os povos sempre
amigos podem viver tranquillamente longe
dos pensamentos guerreiros, com o pensamen-
to no progresso da nação!

Quanto é suave a paz numa nação!
Os povos todos unidos podem viver sem
desconfiança!

Paz, que representa: o trabalho em tran-
quillidade, a suavidade eterna e assemelha-se
à Vida.



VI.

O ESTUDO

Creança, estudar para quando grande serdes alguma coisa.

O estudo é como a luz tremula de uma estrella ou a luz forte de um raio de sol que illumina as trevas espinhosas da ignorancia

É o estudo, que vem collocar na nossa imaginação, o saber.

É uma luz divina que esclarece na nossa imaginação o que ainda não podemos comprehendder.

Se hoje somos honestos e sabios devemos tudo isso ao estudo, devemos consagrar o nosso saber a'essa luz de amor e de conforto, essa luz divina que é o estudo.

Deveis amar ao estudo

porque sem elle haviéis de ser um

ignorante que ante as transformações da vida não pudesse dar nem um passo.

Estudo, ó luz confortavel, sois vós que mereceis a maior corôa de louros a corôa da sciencia

Se sois amado por todos deveis isto ao estudo que nos ensinou o caminho certo que vos guiou na vida.

O estudo, creança é que vos dirige pela estrada da vida para não rogardes



Alma Infantil 15-

O estudo.

nos espinhos que brotam no meio
da estrada da vida, no inclinado
monte que galgamos.



Avareza.

O que torna o caracter do homem baixo e a avareza.

O avaro nunca póde ser feliz porque Deus não o ama; Deus só ama os economicos que gastam o dinheiro em suas necessidades.

O avaro póde ter milhões de contos, mas anda sempre esfarrapado porque não gasta o dinheiro nas suas necessidades.



O avaro não é caridoso, não socorre os infelizes dan-do-lhe esmolas, e por isso o seu caracter tor-na-se baixo e vil.

Deus ama os economicos mas não os avaros.

Os avaros nunca serão grandes homens porque a alma delles é uma alma sovina.

Nós devemos socorrer os pobres dando esmolas, isto se chama Caridade.

O avaro não faz a caridade e por isso a sua alma é baixa e é mesquinha.

Não sejamos avaros porque assim não tornaremos ridiculos.

Vê-se num conto que aqui está a liberalidade

de um menino; o conto é o seguinte
 "Jorge um menino de doze annos ganhou
 como presente um lindo e saboroso
 doce. Estava xangado com o seu irmão. Mas
 quando foi saborear o doce dividiu-o em
 duas porções e deu um ao seu irmão
 zinho, que pediu desculpas á Jorge por
 ter-se xangado e sido tão mau para
 elle, porque a irmã zinho de Jorge tinha
 balas mas como tinha se xangado com
 Jorge não deu balas, nem ao menos
 uma, ao seu irmão tão bonzinho.
 Sejamos liberais meus irmãos,
 para podermos ser amados.



VIII

A ORDEM.

Sêde ordeiro, porque quem não tem ordem nunca pôde ter nada.

Deixae sempre o que é vosso, os vossos livros, vossos objectos muito bem guardados e nos lugares d'elles.

Se não collocardes os vossos objectos nos lugares proprios para elles, os objectos se perdem e ficareis sem elles. Precisamos ter ordem em tudo que é nosso.

Tratemos de nossas roupase



tratemos de nós mesmos. Tratarmo-nos de nós mesmo é a ordem porque mostra que somos hygienicos.

Tratai do que é vosso porque assim podereis fazer a economia.

A ordem é necessaria em tudo! aquelle que não tem ordem no que é seu é um desmantellado e não poderá ter direito e com ordem o que é seu.

Esperança



Esperança é representada por uma ancora, porque sempre ~~de~~ devemos ter esperanças de nos salvar assim como em alto mar tempestuoso o unico remedio para o commandante do navio é ancorar-o com aquella ancora de ferro.

Nós não devemos receiar a desgraça a todo o momento; em vez de pensarmos que nós póde acontecer algum desastre, contemos com a salvação, com a protecção de Deus, entregando-Lhe a nossa alma para ficarmos garantidos durante a viagem que fazemos.

Podemos atravezar o mais bravo sertão sem receio de sermos atacados pelos animais indomaveis se entregarmos nossa alma a Deus.

Em todo o homem deve reinar a esperanças; o doente que arde em febre, já quasi abotido pela morte deve ter esperanças de melhorar, deve contar com a protecção de Deus, porque Elle ajuda aos pobres e aos tristes.

Deus protege aquellos esperançasos que contam com a salvação

O parqueiro quando sopra o horrivel vendaval não deve ter medo ante a procella e sim deve contar

A Esperança ALMA Infanti

com o auxílio de Deus.

Nunca receberemos uma certa desgraça sem termos as verdadeiras provas desse acontecimento.

Tenhamos fé em Deus e tenhamos esperanças de nos salvar, de nos livrar do desastre.

Na horrível batalha os soldados devem ter sempre esperanças de ouvir dali a pouco tempo o hymno da victoria soar alegremente

Tenhamos esperança, meus irmãos, para sermos protegidos por Deus.



A CORAGEM

Si tendes de fazer uma viagem por um sertão, collocai diante de vós os perigos que vos aterrorizam e marchai contra elles com energia e força.

Atavessai o sertão com coragem que chegareis ao fim.

Quem tem coragem pôde fazer as maiores jornadas porque pôde collocar todos os perigos em sua frente e combatel-os e por fim do mindal-os.

O medroso não pôde ser feliz, porque vive receiando de um ataque e este pensamento o abate inutilmente. Mas, o corajoso não se abate por esse pensamento, e espera tranquillo o assalto de qualquer inimigo, e pôde dominar o covarde o seu malfeitor. Todo o homem precisa ter coragem para vencer as difficuldades da vida que são tantas.

O medroso foge diante de um combate; diante de um ataque a mesma coisa, ao passo que o corajoso prefere morrer ao feio destino de fugir. Num combate el preciso que se aguente a tremenda lucta e e' preferivel morrer do que fugir ante o combate. O que foge dá provas de medroso e de poltrão e nunca poderá ser victorioso, e aquelle que combate até

Alma Infantis

gloriam.

morrer pode rã sempre triumphar victo
rioso



o medroso

reij



Não temais o perigo
se tiverdes
fé em
Deus.



Alma infantil

g XI g
A Verdade

Sê sempre verdadeiro, porque se mentirdes nunca haveis de ser respeitado pelos outros e ninguém acreditará no que disserdes. É feio ser mentiroso e andar dizendo só o que é mentira.

Não escondas nunca uma falta que tivestes culpando o proximo innocente ou mentindo, pois, esta falta sera' tanto maior quantos vezes a occultardes. Ama a verdade porque sempre haveis de precisar della para não esconderdes vossas faltas.

Como sereis feliz se disserdes só a verdade, se desprezardes a mentira.

Se sois mentiroso, corrigi-vos quanto antes dessa nódoa negra e nociva a todos que é a mentira.



Aquele que mente, depois de sua feia acção vê-se cercado de espinhos que o ferem; isto é a consciencia que reprova a má acção do mentiroso.

Se, por exemplo enganares a uma creatura velha, que não sabe o vosso feio vicio de mentir, mais tarde sereis reprovado pela vossa consciencia e vereis que fizestes máo pregando uma mentira.

★ a uma creatura velha que não sabe o que sois.

O homem verdadeiro e' amado por todos nesta terra e e' alem disso amado por Deus.

Sede verdadeiro que sereis amado.



PATRIA.

Patria não é só essa massa de terra que temos por berço! Patria é tudo: os montes, as arvores, esses milhares de homens que passam, essas crianças, encantadoras aves e que formam a patria

Dizendo duma só vez: patria é essa chama de amor que palpita em cada coração!



A criança que nasce toma por patria a sua casa,

o lavrador, o pedaço da terra que cultiva, mas o soldado aquelle coração que sempre palpita de amor a sua patria toma por patria todo o seu paiz, toda a immensa região na qual elle nasceu! É a definição certa!

Todo o homem tem sua patria e por menor, mais feia e mais fraca que ella seja deve ser sempre honrada e amada pelos seus filhos.

Minha patria é o Brazil! Eu amo mais a minha patria do que

as outras nações! Mas eu acho justo que os habitantes de outras nações amem mais as suas pátrias do que o Brasil.

O filho patriota deve honrar sua Pátria, por menor que ella seja!

Assim como, um filho amoroso ama a sua mãe por mais velha e mais fraca que ella seja, porque é a obrigação do filho, e então o filho patriota deve amar mais a sua pátria do que a pátria dos outros!

Pátria também é esse emblema de força e robustez, a bandeira divina e por todos o seus filhos amada, a bandeira que nos casos mais gloriosos tremulou garbosa no topo dos mastros desafiando a morte, vendo morrer ás vezes os seus filhos, vendo elles rebarem um por um pelo chão derramando o sangue vermelho rubro pela honra da bandeira que desafia o inimigo e indica o valor da nação desses soldados que morrem cruelmente, mas para salvar a honra nacional.



Symbols da Patria

Os symbols de cada nação servem para representar a Patria, o seu valor e a força.

Esses symbols devem ser honrados e respeitados pelos povos das diversas nações do mundo.

Os symbols de uma nação são dons aos quaes devemos consagrar o nosso maior amor, amor tão grande como o amor que dedica-



mos a nossa mãe e ao nosso pai; esses dons symbols são: a bandeira que em casos guerreiros tremula acima das cabeças gloriosas de seus filhos, e o outro

symbolo é o hymno que, cantado e acompanhado num batalhão pela banda de musica, excita os filhos patriotas a cumpriremo dever do soldado: defen der a Patria no caso mais glorioso ou mais triste de uma guerra.

A bandeira é um panno, mas é um

panno sagrado que encerra todas as
ações nobres, todos os feitos gloriosos
do seu povo.

A bandeira é o mais nobre symbolo
da Patria, o mais augusto e o mais
sublime.

Nas côres duma nação⁽¹⁾ brilha a
gloria, o valor e a sciencia

Assim como, para escrever-se
usa-se das letras para indicar
a nação, o seu valor e o seu povo
existe as bandeiras que marcam
as fronteiras da Patria.

A nossa bandeira é aquella altiva
que nas mais tristes guerras,
nos mais tristes combates foi

hasteada garbosa no
topo dos esguios mástros
que desafiavam

a morte ante
as balas trai
coeiras dos
inimigos ferozes.

Na guerra do
Paraguai, que
rebelei no
anno de 1864



Nota

(1) Em vez de nação ler-se
bandeira.

a nossa bandeira tremulou nos batallhões enormes e hasteada nos mastros dos navios, desafiou a morte, deixando os paraguayos mudos ante a bravura dos nossos soldados e do nosso pavilhão auri-verde e ceruleo.

Bendicta é a bandeira que tremulou na guerra forte contra os paraguayos, e pôde dominá-los! Nos navios servia de consolo aos bravos, aos fortes e aos valentes que cercados dum lado e doutro por fortalezas paraguayas, sobre as águas revoltas do rio Paraguay, que no continuo marulhar já dizia que, dalia pouco tempo a bandeira brasileira tremularia soberba de glórias, e foi o que se deu: a nossa glória da Passagem do Humaytá, um dos feitos mais heroicos da nossa marinha.

A bandeira brasileira foi manchada por sangue rubro de audazes soldados, ficou róta, completamente estirada, mas nunca um soldado inimigo conseguiu lançar-lhe a mão, porque foi morto pelos nossos bravos o que quiz lançar a mão na nossa bandeira!

A guerra do Paraguay foi uma das mais horribes guerras que sustentamos até hoje.

E fomos os vencedores desta guerra e em toda a guerra, através de todos os seculos seremos sempre os vencedores!

Nosso hymno, doce imagem que retrata a paz, foi tocado com orgulho nesta nossa victoria...

Não ha hymno mais bello, que encerre tanto valor, tanta gloria do que o nosso!...

Nosso Brasil e' uma terra sublime!
Terra de encantos, berço de amor
sas glorias e de gloriosos homens!
Terra benedicta, terra de esperanças,
Abrigo dos ideaes civilizados!



XIV

A nossa bandeira.

As cores vivas e ardentes de nossa bandeira são: verde, amarelo, azul e branco.

Um pedaço verde e amarelo, um círculo azul celeste e por dentro deste círculo está passada uma faixa branca, com as palavras: "Ordem e Progresso".

Sobre a faixa branca está gravada uma estrela branca e sob a mesma faixa estão vinte estrelas, menores do que a que está sobre a faixa.

O verde da nossa bandeira representa as nossas grandes florestas, as nossas matas verdes como a esmeralda, matas onde tudo canta, tudo é uma harmonia! O amarelo as nossas riquezas ocultas nos bravios sertões, e a nossa riqueza inexplorada. São as nossas pedras rubi e safiras fundos dos rios imensos e caudalosos, que vão



cortando as nossas immensas florestas

O azul é este formoso céu brasileiro ostentando o brilhante Cruzeiro do sul, este céu formoso quando ostenta o sol e também formoso quando ostenta a lua e os milhares de estrellas timidas e brilhantes.

A estrella que fica sobre a faixa é o Districto Federal, e as outras vinte estrellas são os nossos estados.

Ordem e Progresso quer dizer que em cada anno e em cada dia, ~~o~~ o nosso paiz dá mais um passo para o progresso e para a gloria.

É verdade que a bandeira brasileira não treveu em muitas guerras, mas era melhor que não tremesse em nenhuma guerra! Nessa bandeira nas suas suaves cores retrata a imagem doce e pura da paz.

Em alguns casos foi preciso levar o nosso pavilhão ao inimigo, para mostralo o nosso valor, mas raras vezes, porque o Brasil, este Gigante audaz, sabe ser amigo pela sua arte e pela sciencia.

Nos casos em que a nossa bandeira

tremulou á frente dos soldados,
foi nos feitos mais heroicos
dos nossos soldados...

Esta bandeira ~~radica~~, e sempre
indicará a paz, o progresso,
a ordem nos batalhões de sol-
dados garbosos e fortes...

A bandeira brasileira é cobe-
ta de glórias, e é coroada com
as mais puras corôas da ordem
e do progresso

Oh! Bandeira! Sois aguia soberba
e triumphante, que no bico audaz
carrega as corôas diversas que
mereceis, bandeira!

Eu me glorio de ver a
minha bandeira triumphante
e gloriosa a tremular nos mastros
dos navios.

Como ~~sois~~ ~~altiva~~, o' bandeira,
que indicais as glórias do passado,
o valor no presente, e mostrais
as glórias do futuro!...

XV
O SOLDADO

O soldado é o representante da Pátria;
é o seu defensor.

O homem nascido quer na America,
Europa, Africa, Asia tem por patria
um paiz.



Guerreiam-se às vezes as
nações e quem as defende? São
os soldados valentes e bravos.
São homens que para irem
nas primeiras fileiras para
a guerra, mostrando amor
à Pátria, empunham as ca-
rabinas ou as espadas e avante!
Pela Pátria! Não morrer nos
campos de tantas victimas
de tanto sangue derramado por
amor à Pátria, campos que,
enfim glorificam.

Todos os soldados representam
a Pátria, o torrão em que nasco
quer seja vasto, quer pequeno
fraco!

Se o soldado morre é

amortalhado na bandeira, que
cobrindo o cadaver do guerreiro
~~esta~~ mostra a gloria o valor
do pobre soldado que morre
em defesa do santo pavilhão!

Nós devemos honrar a me-
moria desses bravos que
morrem bruceamente nos cam-
pos de batalha, esses bravos, esses
valentes, esses nobres, que, se
não morrem na luta, defendem
a bandeira Augusta.

Sob a farda do soldado palpita um
peito Augusto invencível pela
morte, que luta contra mil



homens e mostra o seu
valor.

O soldado nasceu para

defender sua pátria dos
cruéis tigres que a querem
invadita.

O soldado morre na
guerra, mas, morre sonhan-
do com a victoria, e antes
de fechar as palpebras dos
olhos, vê a imagem suave
da Paz, coroando a bandeira
de sua Pátria, com uma
grande corôa, que indica
as glorias do passado,
do presente e do porvir!



A Paciencia

Feliz serás se fores paciente.

Em tudo precisas ser paciente para poderes fazer o que quizeres com perfeição e belleza.

O pintor antes de dar o traço forte á pintura, ou antes de coloril-a,



deve fazer com calma e paciencia o esboço; depois então dar as formas que

quizer. Num quadro primeiro o pintor faz o de buço mal desenhado, depois então dá o traço mais forte e depois colore, e se errar apaga e faz outra vez até acertar.

Atchas bonito rasgar com raiva e odio o papel em que estás desenhando ou escrevendo, se errares?

Não; é feio. Devemos ter calma, paciencia, porque errarás se não

tiveres cuidado com o que
fazeres.

A escultura sairá feia sem
o escultor não fôr paciente.

Terá pouco merecimento
o professor impaciente. Então
em tudo é' necessaria a
paciencia e a calma.



O impaciente



AIMA INFANTIL

Segunda Parte.

Jose Inez.



Segunda Parte



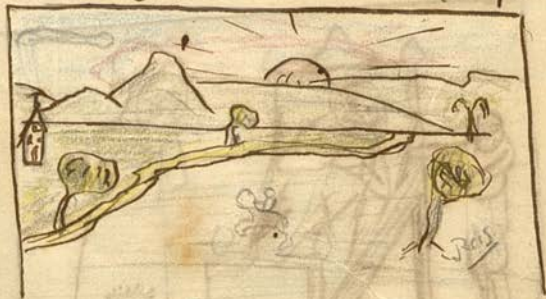
Amanhecer.



sol desponha sobre o cimo esguio da montanha. E' domingo. Ao longe, muito ao longe canta o sino na meiga capellinha. A capella é branca, e indica alegria.

Ha em tudo um cantar alegre de vozes que cantam a esta suave manha. Lá o horizonte está todo afogueado.

As gottas de orvalho pen den



do das folhas das arvores e illuminadas pelo sol parecem brilhantes e ás vezes parecem rubis.

O rio corre alegre por entre a verdejante mata, no seu continuo marulhar para ir-se desaguar no oceano que recebe suas aguas.



mas.
irma
cabe
trez
três

Amor filial (conto)

Numa casa modesta que ficava no alto de uma collina morava a pobre D. Helena que tinha dois filhos: Paulo e Jorge.

Porém, como Paulo fosse mais bonito que Jorge, era considerado melhor pelo pai e pela mãe, e era uma consideração mal feita. Jorge era desprezado pelo



pai e pela mãe, mas, elle não os desprezava nunca.

Um dia o pae caiu com uma horrivel febre, e assim

foi adoecendo tanto que já estava confiado á morte. O pobre homem gemia de fazer pena. Mãe soluçando velava o enfermo marido, e não podia ao menos chamar o medico; era pobre e não podia pagar uma conta tão grande de medico e de remedios. Seria um milagre se o marido ficasse bom; orações da mulher eram dirigidas aos céus, enquanto o marido no leito gemia, já com a voz fraca, que se ia diminuindo pouco a pouco.

Jorge dirigiu-se ao seu quarto e segurando no seu cofre tirou todo o dinheiro que lá tinha e saiu para a rua em direcção á pharmacia.

Chegando lá perguntou ao pharmaceutico quando custava o remedio que devia fazer bem ao seu pai. O pharmaceutico trouxe o vidro do remedio e disse-lhe: "Prompto! eis o remedio!" Jorge perguntou-lhe: "Quanto custa?" e o pharmaceutico disse-lhe: "tres mil réis, menino!"

Jorge contou o seu dinheiro, mas depois desconsoladamente olhou para o pharmaceutico com uns olhos tristes, prestes a chorar. O pharmaceutico verificou que os olhos do menino enchiam-se de lagrimas. "Porque choras?" perguntou-lhe o pharmaceutico. Jorge, triste, abaixando a cabeça disse: "Ah! O remedio custa tres mil réis, e eu só tenho dois mil réis!"





O phar maceutico segurando o vidro disse-lhe: "Vai buscar o resto do di-
nheiro que eu te darei o remedio!"
Jorge pensou e disse ao phar maceu-
tico: "Eu não quero o remedio! Mamão
é pobre e só tem dois tostões para
comprar pão para papai que está
doente!" e ia-se retirando quando o
phar maceutico chamou-o e disse-lhe:
"Tu, meu filhinho levarás o vidro de
remédio e levarás teu dinheiro, porque
mostraste que és bom filho! Toma,
leva o vidro, e diga á tua mãe
que ella tem um filho heróe desco-
nhecido!"

É o phar maceutico foi-se com o
menino até sua casa. Contou
á mãe de Jorge e ao pai o heroísmo
do Jorge menino.

Sua mãe segurando seu filho
disse: "Filho heróe! Filho heróe desconhecido!"



O B O I

O boi é um animal meigo,

trabalhador e manso. Ha muitos homens que não são como o boi; abominam o trabalho, ao passo que o boi trabalha todo o dia sob os ardentes raios do sol, caminhando preso ao arado para revolver a terra, e quando velho nenhuma recompensa lhe é dada, e sim é morto.

O olhar do boi é um olhar sombrio que indica bondade e docura.

É um animal obediente, e toda a sua força é empregada no trabalho.

O boi não se revolta contra o dono, e todo o dia antes que o sol desponte no horizonte sale do curral e vai docemente caminhando, guiado pelo lavrador, pelos campos imensos e férteis.

É como a creatura humana este forte animal sereno e manso.

Nenhum animal é como o boi; o cavallo elegante e forte é bruto e ignorante. É mais

es bello que o boi, mas este
e' mais inteligente.

O olhar do boi inspira
confiança.




AO boi e' que devemos as
riquezas dos nossos campos
porque e' elle que puxa
o forte arado.

O Torrão Natalo

Nesta immensa região,
neste vasto Brasil, é que eu
nasci. Sou brasileiro. Mas, te-
nho por torrão natal, um
recanto do meu Brasil, um
dos seus estados, e eu nasci
no meu amado e puro
Rio de Janeiro.

Amo a terra de meus
pais, o estado em que elles
nasceram; mas, primeiro amo
o meu torrão natal, tão cheio
de riquezas e de fecundidade.



Aqui no Rio
de Janeiro é
que eu tive
o meu berço,
onde fui em-
balado por
minha mãe
que para
eu dormir
em odinhas

Opulencia do Rio de Janeiro. Quis o
cantava as canções e modinhas
brasileiras, cheias de uma belleza
inexplicavel; eram assim as canções:

Uma das mais conhecidas por mim é a seguinte:

Dorme, dorme meu, filhinho,
 Bem depressa pra crescer,
 que o Brasil precisa homens
 Para a Pátria defender...

Nota-se nesta quadra, quanta belleza ha nessas canções populares brasi-
 leiras...

Portanto aqui eu quero ter
 o meu final repouso, num cemi-
 telrio daqui

Nasci aqui, como um louco
 amo a minha terra que
 me dá tudo. E eu a ella
 tudo dou. Terra! minha Terra santa
 e bella; sois o meu coração,
 sois tudo o que palpita no
 meu corpo, corpo de filho extre-
 moso e dedicado.





BRASIL é o meu berço,
de amores e de glórias,
é a minha Pátria amada,
minha Pátria, que corôa de
glórias o seu nome.

Quantas glórias encerra teu
Bassado, ó minha terra, ó meu santo
Brasil!

Tua história é pura, encerra
glórias, mas não conquistas,
nem glórias em ~~guerr~~ guer-
ras, e sim glórias da sciencia
e da justiça!

Teu povo, ó meu Brasil é um
povo santo, um povo que vos
segue, que segue os teus passos
para o progresso e a ordem.

Terra livre, meu berço berço
de meus pais.


Gigante americano, deitado
sobre as aguas do Atlantico,
é a ti que eu devo tudo,
porque tu segues sempre
a mesma estrada gloriosa do

Progresso, e levas-me e abençoa-me
tambem.

Meus primeiros passos foram dados
sobre o teu solo firme, cheio de
fecundidades.

Nasci aqui, ó Brasil, sob o teu
céu azul immaculado, sob o sorriso
dental; foram tuas aragens, teus zephrinos
brandos que embalaram para
lá e para cá o meu berço,
não rico de rendas, mas
rico de amôres.

Doce terra de minha confian-
ça, meu consolo nas horas de
angustia, meu amor, minha
confiança, e ~~além~~ de tudo,
tú
és ó Brasil sois és tudo para
mim, és tudo de amoroso
que póde palpar no coração
de um filho



Angelos

Some-se o sol lá no horizontes
beijando com os seus ultimos
raios de ouro, a terra escura; e' o cepto
culo.

Tudo chora, tudo queixar desta hora triste.



nha em que os anjos do Senhor
dixem á terra tocando as melodias

em suas harpas.
Geme a cascata, mormuram as aguas
do rio. Em revoada vão-se os
passaros. Na ~~sino~~ capella toda
branca o sino toca o Angelos.
• Todo ao repicar do sino, parece
dizer, gemendo: Ave, Maria!"

Passando vão os bois pausadamente
andando pela estrada... Vão regressar
ao curral; atraz o vaqueiro com
a longa vara guia os bois
obedientes. Tudo larga o trabalho
e medita: "Ave, Maria."



A nossa alma

A nossa alma, deve sempre estar livre de cousas vans. A alma não é como o corpo: pelo contrario, é soberana a elle; é mais activa do que o corpo; porém se não a afastarmos do mal, ella ^{não} vagará entre sorrisos, mas vagará com o mal. Melhores sorrisos são os sorrisos do Bem. Procuremos o Bem, porque com elle nossa alma andará livre de pensamentos máus.



imagens dos seus pais.

Teve uma ligeira recordação da vida passada, e depois sonhou com a glória e fama que poderia ter.

Nisto Geraldo acordou pensando em preferir sua mãe e seu pai.



Num relógio batia meia noite; o pobresinho disse: "Ah! Que tristeza! Tudo foi sonho... Papai e mamãe nunca mais voltarão!"

E o pobresinho tristonho foi procurar um abrigo para dormir...

(Conto) O jornaleirozinho

Gritando todo o dia pela rua ~~passava~~ passava um pequeno jornaleiro, saltando de bonde em bonde, correndo atrás dos automóveis vendendo os jornaes do dia ^{de um menino} ~~de um menino~~ ^{poor} mãe ~~poor~~ pobre e como o marido tinha morrido ha pouco tempo estava em completa miseria.

Um dia o Lulú seu filhinho pequeno ainda, de sete annos apenas disse-lhe

"Mãe: quero vender jornaes para dar-lhe dinheiro, sim?"

Era assim esse filho bom e que merecia amor: rosto cheio, corado e gordinho; andava mal vestido, mas era assim mesmo um encanto para todos. E com o consentimento da mãe saiu de casa com um bolo de jornaes debaixo do braço.

Antes de sair disse á sua mãe:

"Mãe, de tarde mãe vera' como lhe tra rei dinheiro!" A mãe beijou-o e disse-lhe: "Vai, meu filhinho"

Lulú saiu correndo inspirado no outro jornaleiro, gritando e vendendo os seus jornaes.

Pulou nos bondes e vendeu muitos jornaes.

Por ser tão engraçadinho e esperto ganhava o dinheiro dos jornaes e ainda, as vezes, mais um tostão de alguns homens.

Mas succedeu-lhe uma desgraça: caiu de um bonde e machucou-se; saiu correndo para a casa e sua mãe vendo-o assim começou a chorar amargamente. Mas, elle virou-se para a mãe e disse-lhe:

"Mãe: pensa que eu vou morrer? Não vou não!... Veja quantos jornaes já vendi! Olha quanto dinheiro!!!..." e tirou do bolso

um montesinho de nickéis; a mãe tomou o dinheiro e beijou-o.

No dia seguinte, saiu novamente, e graças a orange, podem viver sem difficul-



dade. E Lulú, ficou sendo o jornalista
mais conhecido das ruas!

Brava criação, bravo jornalista!
Ficou conhecido pelos freguezes e por
tudo mais, pelo título de: "O jor-
nalheirosinho."



(Conto) O heroísmo de uma



criança.

Tres meninos, Paulo, Jorge e Manuel frequentavam uma escola e eram alunos de um velho professor, barbado, de cabellos brancos.

A patria das tres crianças, patria tambem do velho professor, estava em guerra.

O professor sempre dizia aos seus alumnos que a maior vontade d'elle era



partir para as fronteiras da Patria; este professor era um velho general, que tinha o peito coberto de medalhas.

Elle explicava aos alumnos, principalmente a esses tres grandes crechos de historia patria; elle era velhinho, mas sempre exhaltado.

Um dia contou aos alumnos que eram poucos: "Eu, meus alumnos, tenho o peito coberto de medalhas, coberto de condecorações; mas, não

e' por vaidade! foi por herois mozt.
 — E tirando uma medalha, a mais bella de todas, mostrou-a aos seus alumnos, continuando — esta medalha eu ganhei quando ~~era~~ era cabo... Foi numa guerra em que nós vence mos e o nosso general, ante a minha bravura nesta guerra, deu-me esta medalha!"

Os alumnos cada dia mais se exaltavam com as lições do professor.

Um dia os tres meninos não compareceram ás aulas do professor; no segundo dia a mesma cousa, no terceiro também, no quarto e foram faltando sempre. E' que os tres tinham combinado marcharem contra o inimigo; e foram. O exercito daquella nação ja havia partido, e os tres meninos foram por outra direcção.

No fim do segundo dia elles viram os inimigos, que derrotaram o exercito e penetraram no pequeno paiz. Paulo e Jorge convidaram ao Manuel para fugirem; este disse que não e tornou: "Eu poderei morrer aqui eu só, mas mostrarei ao inimigo, o valor da nossa nação."

Os dois fugiram, e Manuel avançou, armado de um cacete, para os inimi-

gos, com uma só pancada matou
 tres soldados inimigos que caíram
 no chão, mortos, deixando cair a carabi-
 na Manoel, curvou-se rapidamente e segurou
 uma das carabinas; mas o official ini-
 migo o segurou e o sacodiu
 perguntando-lhe: "Que e' que tú fazes aqui?"

— Que faço? Defendo a minha patria!"
 "Defendes? Pois morrerás já!" tornou o official.

— Poderei morrer, e prefiro mesmo morrer,
 do que me entregar nas mãos de uns
 covardes!!!"

Esta phrase encheu de pavor os
 inimigos, que se olharam entre si, espas-
 tados com a coragem do menino.

O official furioso desembainhou a es-
 pada e deu um forte golpe na per-
 na da criança, que caiu no chão,
 com a perna completamente cortada.

E os soldados inimigos avançaram;
 Manoel ali mes mo arranjou uma mule-
 ta e querendo vingar-se armou a
 carabinha, fez mira e disparou contra
 os inimigos. A bala foi certa; passou
 pela cabeça do official que caiu.

O exercito que tinha sido derrotado
 esperou os inimigos e deram um
 avango, derrotando os inimigos. Quatro
 soldados correram em soccorro do

menino, que lhes contou o que tinha feito. Os soldados montaram a heróe neneado num dos cavallos e partiram para a cidade donde tinha saldo a creansa, dizendo a Manoel: "Vês? O exercito inimigo foi derrotado, só por causa de ~~tú~~! És um heróe."

Assim que chegaram na cidade o menino foi levado na presença do presidente, que olhando para Manoel disse-lhe: "Foste tú, que venceste o inimigo?"

— "Fui, sim senhor, para salvar todas nós!"

O presidente apanhou uma fita de cor da bandeira da quella nação, dizendo:

"É a tua condecoração!" e olhando para a perna do menino disse-lhe: "Como perdeste esta perna?"

— Foi lá que má'a cortaram! Foram os assassinos cruéis de minha terra!

"Bem; podes ir embora, mas na historia de nossa patria tú serás o mais glorioso heróe entre todos os heróes!" Manoel foi para o collegio

onde estivera, e lá reconheceu seus
 com panheiros, e principalmente aquelles
 que tinham fugido.

Os collegas olharam para Manoel,
 e o professor levantou-se da cadeira e
 beijou-o. Os collegas abraçaram-nô, e
 disseram: "Que foi isto? A perna está cor-
 tada?"

— Está! Foi na lucta... disse Manoel.

— "Ah! herôe! herôe glorioso, herôe!" disse
 o professor, e tirando do peito a
 sua mais bella medalha, pregou-a na
 blusa do menino dizendo: "É um herôe!
 Esta medalha é tua!" Toda a classe
 viu rolar então grossas lagrimas de
 contentamento pela face do velho ge-
 neral, que levantando a creança,
 disse: "Amôr da Patria, nobre amôr
 divino! É um herôe, meu filho!"

O menino sorriu, mas chorou,
 e mostrando um crucifixo aos collegas,
 disse: "Este que aqui está pregado, foi
 o meu commandante!"

"Herôe! Herôe!" exclamaram seus collegas.

Paulo e Jorge levantaram-se e disseram abraçando o herde: "Nós fugimos!"

Perdulpae-nos! Nós te deixamos sósinhos!"

"Deixaram-me com um exercito enorme!"
 "Qual?" perguntou o professor:

"Qual? Foi este o exercito: a Patria, o meu amor por ella, e Deus!"

"Bravo" exclamou o professor, entrecor-
 tando esta palavra por soluços amargos
 de contentamento! O professor nunca
 chorara... chorara então pela primeira
 vez!



(conto) Rico e Pobre

Numa escola estavam matriculados dois meninos. Porém um era rico, trajava-se com todo o luxo e o outro era um pobresinho, vestido modestamente, de tamancos, mas



muito asseado. O rico desprezava o pobre, e por isso andava só no recreio, porque os colegas, notavam grandes virtudes no pobresinho; estas virtudes eram: a piedade, a bondade, a doçura, e além de

tudo tinha bons sentimentos e era franco, ao passo que o outro só possuía riqueza. Os mestres apreciavam mais o menino pobre porque elle era mais estudioso.

Um dia passavam pela manhan os dois meninos por uma rua. O rico ia com o pai, de certo para o passeio e o pobre ia com a cesta para fazer as compras, e succedeo que o menino rico tropeçou e caiu. O pobresinho correu e levantou-o.

O pai do rico que ignorava a briga que havia entre os dois disse ao filho; "Agora, meu filho, ~~depois~~ agradeça ao menino "

O rico julgando-se incapaz de fallar com um pobre disse ao pai o que havia entre os dois e o pai fêz abraçar o pobresinho, que cheio de contentamento abraçou o amigo, que lhe prometter ser sempre

fiel amigo.

Não sejamos assim! Procuremos
consolar os pobres, e procurar
pela felicidade deles.



Homenagem ao vovô.

Um dia tres crianças, Luiza, Pedro e Fernando fizeram uma homenagem ao vovô.

Num quarto collocaram uma mesa; nella havia uma jarra, com lindas flôres.

Luizinha que sabia bordar fez



uma toalha bordada, e Pedro pintou um quadro. Fernando era pequeno e nada daria.

Prepararam tudo e quando o vovô entrou todos fizeram-lhe uma grande homenagem e obrigaram-

no a sentar-se numa poltrona

que sido collocada para elle
Houve a distribuição dos

premios e finalmente Fernando
 que era pequeno aproximou-
 se do vovô e disse-lhe
 dando um beijo: "Vovô receba um
 beijinho pelo seu grande dia!"
 A alegria foi geral e o vovô
 beijou-o.

Eis a amizade do menino
 que mostrou quanto era
 grato aos carinhos do vovô.



(Conto) O pobre trabalhador

Numa modesta aldeia moravam duas famílias que se distinguiram uma pela riqueza, e a outra pela pobreza e honestidade.

Na família rica todo o dia se dava festa, e ninguém trabalhava, porque o chefe da família occupava altos cargos. Havia nesta família um rapazote de quinze annos, sem nenhuma instrução porque tinha achado que moçada ficaria pobre.

Mas, a família pobre, composta apenas de pai, mãe e um filho, era honesta. Este filho, rapaz, era lavrador, e muito correcto. Ganhava a recompensa e dava à mãe.

Annos depois morreu o pai do menino rico. Pouco tempo depois morreu a mãe, e ficou elle sózinho com a fortuna, mas não sabendo aproveitá-la ficou pobre.



Tão miseravel se achou
que teve de abandonar a
sua casa e ir pedir esmolas.

Um dia o lavrador, quando
voltava cantarolando para sua
casa, encontrou-o deitado no chão,
pedindo esmolas. O lavrador levan-
tou-o do chão e levou-o para
a sua casa dando-lhe comida.

Aquelle rico, depois pobre, nunca
quizera tratar dos pobres e
foi auxiliado depois por um
pobre lavrador!

Eis o que é o trabalho,
eis os seus bens.



(Conto) O menino vadio.

André' era um menino muito vadio, que des prezava o estudo. Tinha irmãos: Fernando e Luiza; estes eram bons alumnos. Estes iam na frente e André'



ia atrás fazendo diabruras com outros meninos.

Chegando o dia das férias, Fernando e Luiza chegaram contentes com os premios, e André' não ~~ganhou~~ nenhum premio.

A mãe narrou ao seu marido o quanto estava triste com

André; elle que ouviu todo
meditou e pensou que era
melhor estudar.

Dirigiu-se a'sua mãe e
disse-lhe que ~~iria~~ concordava
iria estudar; e isto fez, e entre-
gou-se ao estudo com
um ardor intenso, dizendo que
queria ser homem

Não ha ninguem neste
mundo que alcance alguma
coisa sem o saber.



A aurora.

No céo, junto ao monte, correm nuvens de uma cor rosea, mas descorada.

O céo é azul todo elle, mas ali, num pedacinho sómente, elle está vermelho; é onde Phebo triumphante vaé apparecer, com os seus raios de ouro, raios de fogo, raios quentes do sol do verão.

Na mata, vasto lençol esmeraldino, cantam os passaros...

Nas franças de uma mangueira que fica na orla da mata, canta um bemtevi. Ali por cima da montanha o céo vai pouco a pouco tingindo-se de um cor afogueada, como se viesse por ali subindo um mundo de fogo, para pairar sobre a terra... A vasta cam

pina parece estar fitando
 embevecida este quadro artis-
 tico, cujo debuxo foi feito pela
 mão habilidosa de um artista
 soberbo, de um homem poderoso - Deus.

Vão-se acordando os lavra-
 dores, humildes e camponos, que
 adoram o beijar do sol nas
 suas faces rudes.

Cantam passaros... E' tudo um
 concerto magnifico, dos mais co-
 nhecidos musicos - os passaros!

A natureza sacode ao primeiro
 beijo do sol, aquella lethargia



que a embaloa durante a noite;
 espreguixa-se lentamente a cascata,
 que com o doce murmurio
 das aguas, parece estar deitada.

O zagal já váe com o seu ledo rebanho para o campo.

Aquella somnolencia de ha pouco vái pouco a pouco desapparecendo.

Doces favonios embalam os minhos das aves, que batendo as azas com ruído vão saíndo dos seus ninhos, a proporção que o sol vem surgindo.

O rio canta na mata verdejante.

No tapete longinquo da esmeraldina alfombra estão deitados varios animaes. Os bois olham somnoleritos os passaros no céo.

Os primeiros raios do sol, que já apparece sobre a montanha, vão reflectir-se no mar, no vasto oceano azul, tranquillo, como um vasto péplum azul estendido sobre o chão, para o homem se espreguiçar languido enquanto o sol desponta...
 Na mata saem fortes trinados, o mundo inteiro canta! Surge o sol!

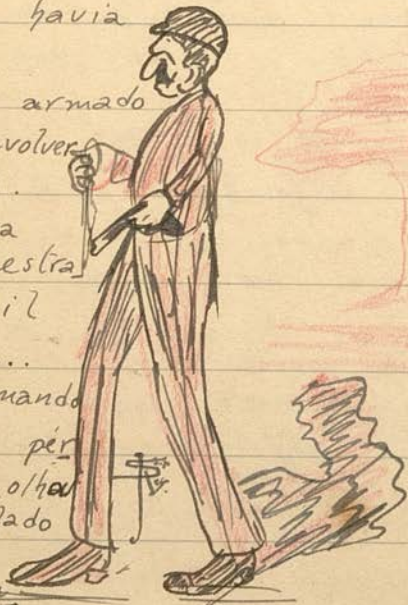
(conto) Historia de um medroso
 Comico

Joaquim, um homem muito medroso andava sempre armado. Voltando um dia para a casa, ninguém imagina o medo com que andava pela estrada escura. Era de noite, e não havia luar.

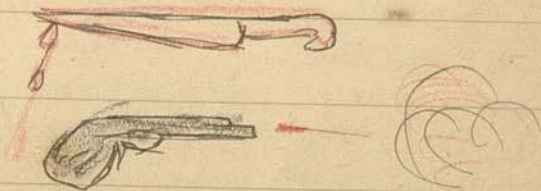
Ele armado de revólver e facão. Levava pela estrada da mil receios...

Scismando andar perseguido, olhou para o lado e viu sua sombra!

Oh! Pensou que fosse um ladrão e preparou a faca e a tirou-se contra a sombra



levando um formidável
tombos, e machucando-se
na sua face. Reconhecen-
do o quanto é ruim
ser medroso, continuou
o caminho, sem receiar
o mal.



Maio.

Maio. Mez das flôres; parece
que os anjos do Senhor des-
cem dos céus, e vem tocar
nas suas harpas harmoniosas, a
belleza deslumbrante da terra.

Parece que entre as mil formo-
sas flôres, as almas dos poetas,
almas cantadoras de doçuras e har-
monias, suspiram docemente; que
cada corolla perfumada exhala um
doce aroma que embalsamando
os ares vai beijar o firmamen-
to azul, o céu risonho e immacu-
lado do mez de Maio.

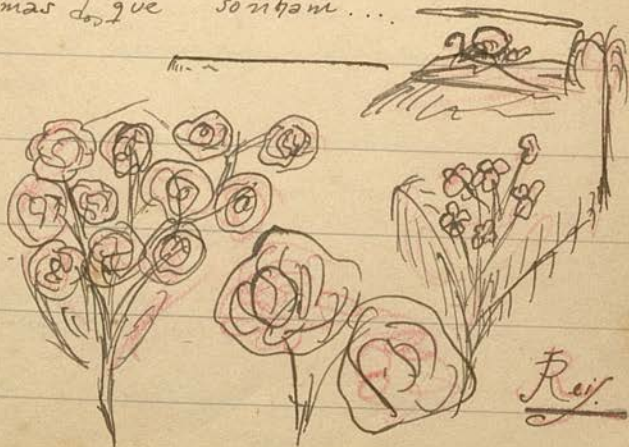
Parece que as flôres, sem ter
voz, cantam as bellezas do mundo,
as bellezas de um Deus.

Maio... Flores, harmonias; cantam os
passaros; os sonhadores da vida, os
poetas, collocando o dedo numa das
~~suas~~ cordas de suas harpas,
suspiram, cantam as melodias
do mez de Maio... Flôres... perfumes...

canticos que atraem a alma
do poeta, e leva-as ás mais enca-
tadoras ~~partes~~ florestas, ou ás mais
altas montanhas para esse louco
sonhador, beijar o firmamento, azul,
vasto, parecendo uma porção de
myosotis que sorriem...

As plantas, que não faltam o sol
que não sorri, cantam e sorriem
no mez de maio, mez das
noites melancolicas, mez do luar,
mez das flores, e mez dos poe-
tas...

Maió... flores... Luar... Canticos... Vi-
ço e perfume embalador das
almas das que sonham...



No Cemitério.

Quanta tristeza ha no cemitério!

Parece, que tudo ali dentro geme,



que todos
os corpos
que des-
cansam
em paz
na sepul-
tura, levan-
tam-se,
criam a-
zas e
vão para

o infinito...

Ha sepulturas pobres e sepulturas
ricas; estas, ornadas com magnificas
flores, e aquellas, simplesmente or-
nadas por umas flores murchas,
sem perfume, as saudades...

De noite, como tudo se queixa
all... E a alma humana olhando
para as sepulturas, vê como é
grande a vaidade, e comprehende
a justiça de Deus: - Nós morremos
por sermos peccadores...

Manhã chuvosa.

O monte esguio, que se levanta na verde campina, está mergulhado na bruma...

Lá não se vê o Corcovado; está encoberto. Não voam os passaros; esperam nos seus quentes ninhos que desponte o sol... Um vento frio farfalha nas arvores... As flores murchas, deixam cair de suas pétalas as gottas de orvalho. Uma chuva fraca cãe de vez em quando. Não ha viço nas plantas, não ha canto na natureza, tudo parece estar morto, sem forças, numa immobilidade intensa...

Faz frio pela estrada... Deste lado a mata verde e quieta e do outro lado as casas modestas, fechadas e silenciosas.

E' domingo... Ao longe na igreja canta o sinopreguiçoso...

No céu ha somente uma nuvem azul.

Não brilha o sol; não cantam os passarinhos... Saio de casa, vou rezar na igreja, e quando volto, já fulguram um raios mornos do sol...

Ao beijo deste raiomorno e

preguiçoso, já as florinhas gentis
 vão abrindo as corollas, os passaros
 vão saindo do ninho, e aquella
 bruma que encobria os montes,
 já vai se desfazendo, e as mon-
 tanhas altas, vão tingindo as
 encostas de uma cor de ouro...

O céu tinge-se de azul, e as
 florinhas sorriem...

rio



Ao meio-dia



O sol forte do meio dia, banha a terra com os seus raios quentes.

Verão. Faz calor, e o mato parado arde aos raios do sol.

As folhas paradas, imnotas, fazem uma longa sombra..

A cascata parece que rapida fôge ao calor do sol quente e abraçador...

O céu é azul sem nuvens, e o sol fulgura desapiedado sobre a terra.

O rio, que corre no seio da magestosa floresta, parece preguiçoso; aos raios do sol caminha uma boiada imensa, pisando no solo seco e gretado pelos raios do sol.

Ao longe canta a cigarra, enquanto o sol arde na terra.



O DESCAMBAR DO SOL.

Lá no horizonte porpurino, o sol vai pouco a pouco se deitando, e com os seus ultimos e enórmos raios beija as vastas planicies e as copas das arvores mais altas.

Vai pouco a pouco sumindo-se no occaso e a terra vai tambem escurecendo, vem a noite!

Os ultimos e tristonhos raios do sol vão reflectir-se no largo oceano azul, e no, um outro céu azul e esmeraldino...

No mata tristemente cantam os passaros, e o urutáo parece soluzar...

Parece que das menores flôres, preces se evolum para a limpidez da aboboda celeste...

Diversas flôres fecham a corolla, e outras abrem sorrindo a corolla, esperando a mansidão da noite
Some-se o sol de todo...

Chora a cascata, choram os

passarinhos, quando lá muito

alem, toca o sino a Ave-Maria



Lição de moral,
(Conto) Conselho da Vovó.

Jorge era um menino de treze anos. Todos os dias de manhã saía com uma atiradeira para o campo e ia matar os passarinhos.

Um dia fez mira num sabiá



que cantava numa laranjeira.

O passarinho ferido caiu no chão. Estava quasi morrendo. Jorge apanhou-o e levou-o para a casa, entrou gritando: "Olha vovó! Olha que lindo passarinho! É um sabiá!"

A avó olhou para o passari

nho que já estava
 morto, e sentando-se numa
 cadeira disse ao neto: "Não
 vejo belleza! Elle está morto!
 Se estivesse voando a cantar
 era mais bonito! Porque
 mataste o pobre passa-
 rinho? Assim te aproveitaste
 da tua força que é mil
 vezes maior do que a deste
 pobre passaro para ~~assim~~ assimalo.
 Foste um assassino. ~~Que~~ E
 mais assassino quem assassi-
 na um homem que tem
 mil vezes menos força do
 que si, do que um que
 assassina um que tenha a mes-
 ma força!

O homem é mesquinho! Não
 comprehende que o passarinho
 é um ser que Deus criou!
 O homem motre ama
 a liberdade! Os passaros tam-

bem amam a liberdade!

Para que Deus deu as
 asas aos passaros? Para elles
 voarem, e só morrerem quando
 for chegada a hora!...

Nunca mais faças outra dessas!
 Quem não quer sua vida?"

Jorge murmurou: "Vou soltar
 os passaros que tenho nas
 gaiolas..." e correu, foi ~~soltando~~^{soltar} todos
 os passarinhos, e chamou a
 avó, dizendo-lhe: "Vovó! soltei-os!
 Vê como vão alegres pelo
 espaço!"

A avó disse-lhe: "Fizeste bem!
 Sejas sempre assim!"



Alma Infantil



Terceira
Parte
POESIAS

Rij.

TERCEIRA PARTE
POESIAS.

Manhã de Outubro.

O sol glorioso alegra a Natureza
Com o seu brilho cáldo e fecundo.
Cantando passam aves no jocundo
Bando, que corta o ar com singeleza.

Voando pelo céu e pelo mundo,
Passam cantando sempre à Natureza
Os passaros. Na arvore com belleza
A cigarra canta ao sol reifecundo.

Muito além, cantam gallos nos terreiros
Os bois vão do curral para os trabalhos
Com o passo lento; todos sabranceiros.

Como andorinhas vão-se os lavradores,
Sãem voando os passaros dos galhos,
Cantando sempre, sempre encantadores..

Antonio de Aff

Vellas...

Vellas no mar á luz do sol fugindo...
 Vellas soltas, no mar a deslizar,
 Fugindo ao primeiro clarão solar,
 Buscando a lua que se foi sumindo...

Esperam outra noite de luar
 Qual a que ha pouco se foi esvaindo...
 E o sol por traz do monte já vem rindo
 As ondas do oceano vem beijar...

Fôgem as vellas buscando a mansidão
 Da noite, fresca ou morna, e enluarada,
 Porque é muito estivo o sol do verão...

Então, ~~em~~ ^{numa} manhan abraçada
 Fôgem vellas... Preferem a melancolia
 D'uma noite de lua, bem sombria...





José
Leic.

Velas...
(Quadro do Autor)

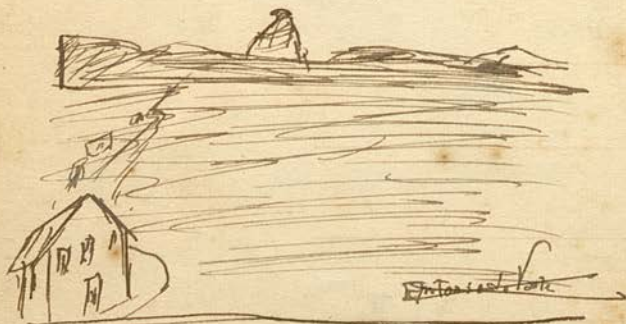
O CORCOVADO.

Formoso e cheio de belleza!...
 Altivo, dominando em estrondoso
 Successo as outras serras. Temeroso
 Gigante!... Gigante da maturidade!

Em torno de ti, com grande alleza,
 Abaixam-se outras serras. Venturoso
 Gigante! Gigante! Titan ruidoso
 Que encerra toda alegria e tristeza!

Rei altivo, gigante poderoso! De granito
 O teu pico tão alto fura os céus...
 De longe, longe, ás vezes eu te fito...

Enorme serra! Enorme grande e altiva!
 Immensa serra que d'outras se esguiva,
 Tu só não podes te esquivar de Deus!



Logo depois de formoso,
 Teia-se altivo; formoso, altivo, cheio de
 belleza, etc.



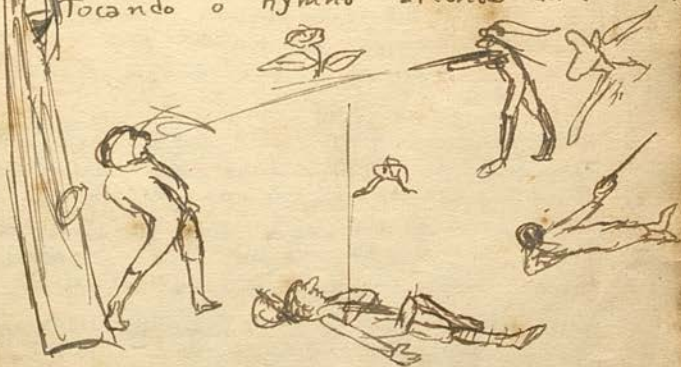
O Campo de batalha

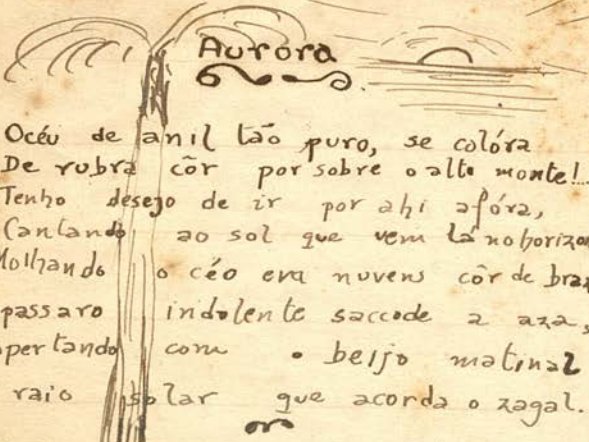
Quantos corpos ceifados bruscamente...
 Quanta gloria no chão estrangulada...
 Quanta bandeira róta, estroçalhada,
 Sobre as cinzas, caída tristemente...

Tambores, cornetas; horriavelmente
 Vê-se a palpebra dos olhos, cerrada.
 Do commandante morto vê-se a espada,
 Caída entre cinzas, gloriosamente!...

Armas, espadas e canhões caídos,
 Soldados pelo chão, mortos, feridos...
 Os feridos lembram-se inda da gloria.

Quando além, entre os destroços da guerra
 Surge um soldado defensor da terra,
 Tocando o hymno ardente da victoria!





Aurora

Océu de anil tão puro, se colóra
De rubra cõr por sobre o alto monte!...
Tenho desejo de ir por ahi a fóra,
Cantando ao sol que vem lá no horizonte,
Molhando o céu em nuvens cõr de brasa.
O passaro indolente sacode a asa,
Despertando com o beijo matinal
Do raio solar que acorda oagal.

De vagar vem surgindo o astro rei...
Que beija a fronte calma da boiada,
Ou beija uma alegre e ruidosa grei,
Que vae seguindo a' luz da madrugada
Ouve-se um piu-piu nas mais altas franças
Das arvores. No céu, como crianças
Ila terra - vôam os suaves passarinhos...
E lá aos pinotes vão os carneirinhos.

Daroma das flores se evola p'ros céos...
Polam os passarinhos dos seus ninhos,
E vão adejando, beijar os pés de Deus...
Voam no firmamento mil passarinhos...
Tudo o que ha pouco era inanimado,
Agora canta e palpita ao sol amado,
Que vem surgindo e vem se retratando
No mar(ingureto), fulgurando!

Vermelho está o céu! Doce arrebol!
Por fim, canta a terra e surge o sol!

Ao meio-dia.

O céu sem nuvens é de puro anil...
 As mais altas e mais nuas palmeiras,
 Em redor de si, fazem uma sombra.
 Brunida e bella está a verde alfombra...
 A sombra d'umas copadas mangueiras
 Descansam os bois, fitando o céu gentil...
 Sol quente! Sol causticante do estio!...
 Canta na arvore a passarinhada;
 Canta a cigarra. Nas folhas farfálha
 O vento. A terra — como uma fornalha
 Arde. Da palmeira, a palma queimada
 Cai. Marulha languidamente o rio...

Ha muito tempo a chuva não salpica
 O cálice das flores perfumadas,
 E ellas caem sem viço, sem perfume!
 Doirado está do alto monte o cume.
 E das arvores, as folhas queimadas
 Voam como aves; o sol caustica.

Si todas essas pedras rutilantes
 Que brilham na rua a' luz ardente,
 Fossem pingos de chuva, que caísse
 Como tudo era feliz; e si não mais fulgisse
 O sol cáldo assim, constantemente,
 E os raios, feitos, de chuva, em torrentes!

Um minuto apenas! Concede oh! Deus
 Um pingo de chuva a esta terra ardida...

Mas o céu é' imoto! E' azul risonho!
 Que hora amavel para um doce sonho!
 Será' o balsamo na cruel ferida,
 Um pingo d'agua caído dos céos...

Muge o boi somnolento, sem alegria,
 Tudo dorme, descança! Meio dia!
 O lavrador enxuga o suor do rosto,
 E na sombra dorme com muito gosto,
 Embalado no canto da mangueira
 E no ranger das palmas da palmeira





A tarde.

Suave e meiga tarde como és doce!
 Tu surges; vens trazer paz e descanso
 Ao pastor, ao colono já cansado...
 Antes o dia como as tardes fosse,
 Melancólico, doce, brando e manso...
 Já o sol vai se deitando avermelhado...
 Ao repouso se entrega a Natureza...
 Melancólica tarde, irman do pobre
 Lavrador, que o trabalha rude e atrebrado...
 Que hora doce!... Encerra tanta pureza!
 Ama-lê o lavrador! Canta-te o nobre!
 Canto suave o pastor a ti celebra!
 Esconde-se o sol. Chora toda a terra.
 Gême a cascata, chora o rio e a fonte...
 Não há tardes tão bellas como estas
 Do meu Brazil, que o gozo tod' encerra,
 Nem um deitar suave sobre o monte,
 E o canto da araponga nas florestas!
 Quem canta, sem querer solta um
 Quando nas franças solta o [gemido]
 [sabiá]
 Suas notas puras e na escura gruta

Geme o urulão o seu canto dorido...
 Oh! Tardes como estas do Brazil, não há!
 Parece a té, que geme a pedra bruta!

Tu lembra, o' tarde, ao triste exilado
 A sua patria, seus rios, sua terra!
 O coração angustiado se aperta;
 Cabe da Lyra do poeta inspirado,
 Um canto que vem rolando na serras
 Até'o louco morrer; a vida e' incerta.

Alma humana vôa... Vai além
 Voar com os passarinhos, pra' crear
 Outras phantasias desonhecidas...

Mas vôa... Tomba e morre tambem...

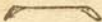
Morre entre as palmeiras, sempre
 As canções das tardes, canções doridas...
 [a lembrar]

A'noite.

Já descambou o sol. E em outros montes
 A lua vem surgindo entre as palmeiras,
 Nem prateando os poros horizontes
 Teneirando-se nas franças das mangueiras.

O mar chora e soluça; gemem as fontes.
 Fecham-se as flôres daservas rasteiras,
 Choram os rios, correndo sob as pontes
 Murcham as roxas flôres das trepadeiras.

Tudo geme, tudo canta docemente.
 E a lua vem surgindo levemente....





Dois quadros relativos á
poesia ANOITE.

As férias.

(Poesia recitada pelo próprio autor
no dia em que se encerraram
as aulas na Escola José
Pedro Varela, a 15 de Dezembro de
1917).

Espalham-se as andorinhas,
Voando, sempre a cantar.
Também eu, as lições minhas,
Vou agora abandonar.



Eu não deixarei de amar
As minhas mestras tão boas,
Que tiveram de ensinar
A tantas, tantas pessoas.



Na invernal estação
Vão voando os passarinhos
Para os ninhos. No verão
Vão-se os passaros dos ninhos;

Tambem, como os passarinhos,
Vamos nós a chilrear,
Contentes aos nossos ninhos,
Aos nossos lares, voltar.



107
É triste ser,
criada!

(Monologo.)



Como é triste ser criada!

Por um lado, só cercada,
Da casa, por mil perigos,

Já basta para agonia!

Eu já tenho uns inimigos:

Os copos: — Ave, Maria! —

Quando lavo, dois, tres, um,

É certo que quebro algum.

E hoje eu fui lavar um pote

E quebrei-o. E * chicote

É que hoje vai estalar!...

E eu não sei como narrar

A' patrôa, esses sinistros...
Os copos são bons ministros

Pr'a me deixar no chicote...
Mas, meu Deus! quebrei o pote!
(com ar alegre)

Ah! Eu vou me desculpar
Quando a patrôa chegar!
E vejam só se eu não sei!?
A desculpa já arranjei.
Querem ver como ella é?

- A chicara de café!
Esta' aqui sobre esta mesa;
Eu digo que o nosso gato
Quebrou-a. É espantado,
Pulou com tanta presteza,
Que aconteceu que quebrasse
Ainda por cima, o tal pote!
Esta mentira é de facto!

Já' não mais vem o chicote
Castigar-me desta accção!
Com uma cara alegre eu fico,
E eis ahi um bom disfarce!
(Pensa um pouco e diz):

Pregar mentira faz mal!
- Penso antes no que digo!
Por isso dóe-me o coração!

Não; compro outro pote igual;
 Dou a patrão, e então
 Pego de tudo perdão!
 Um pote vou já comprar,
 E prometto trabalhar,
 Com milvezes mais cuidado!
 E nunca mais eu direi
 Que é triste ser criada!
 Nem isso mais eu farei -
 Pois, serei bôa empregada!





Monologo

Não gosto de estudar.

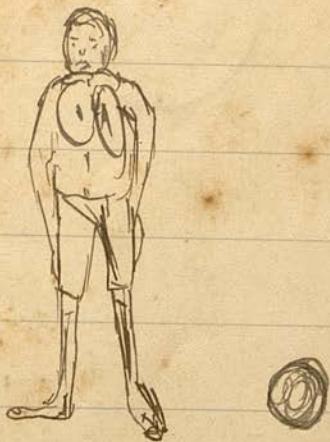
Negocio de estudar! Que massada!
 Mamai me obriga e eu não quero!
 Portuguez; uma grande trapalhada
 E mathematica? — Papai, severo
 Quer que eu estude a pulso, o que não quero
 Estudar... Esta amolação é tal
 Que eu quizerá morrer e não estudar
 Em vez de, eu brincar lá no quintal
 Como bobo fico a trabalhar,
 Sem ter necessidade de estudar.
 Prefiro o meu cavallo de pau
 Do que o livro que Papai me deu!
 Ora, sabem? Vadiar não faz mal!
 Eu tenho um bom cavallo que
 Em eu,]

Foi o bom titio que me deu!

De manhã, bem cedo saio a passeio
 Brinco, salto, pulo, canto sem receio,
 Mas, quando chega a hora de
 [estudar]

— Adeus — oh! tudo — vou pro canto
 [chorar!]

Esta vida é triste, inda com estudo,
 Perde a graça, belleza e mais tudo!



Monólogo O meni no esquecido.

Havia um certo menino
 Muito bom e muito fino,
 Gordo, ^{de} ~~por~~ todos querido...
 Mas, tudo isso era vencido



Porque era muito esquecido!
 Cortado! só tinha isso
 Que fosse defeito. Disse
 t'guê cação bastante!
 Era neste mesmo instante
 Que uma coisa se dizia,
 Logo o bobo se esquecia
 Do principio do recado.
 Quando elle ia ao mercado
 Comprar bananas, trazia
 Um cesto de melancia.
 Era um cabeça de vento

Falla molle e andar mui lento.
 Se lhe dizia uma pessoa:
 - Vai já comprar uma brôa,
 Elle trazia uma empada
 ou trazia uma cocada.
 Era uma coisa damnada
 Esse tolo camarada!
 Na escola, se o professor,
 Explicava uma llicão,
 Do menino, o pensamento,
 Estava lá no esquecimento!
 Era bom de coração,
 Estudava com ardôr,
 Mas se esquecia de tudo
 Pra elle, ~~não~~^{não} era nada o estudo!

Todos dizem que sou tolo!
 Mas, não cáio neste rôlo
 De estar no mundo da lúia!
 Se estou na escola, é na escola,
 A instruir minha caixola!
 Se estou na rua é na rua
 E não no mundo da lúia!

Recitativo cómico.

O GRANDE POETA.

I

Havia um grande poeta inspirado
 Um grande poeta — um poeta etanto!
 Era por todo o mundo admirado,
 Era de tal belleza o seu canto
 Que o mundo chorava lendo a poesia
 Do bom poeta, cheio de magia.

Fez livros, dictionarios de rima...
 Era magro de tanto pensamento...
 De todos o seu nome estava em
 [cima]
 Por ser de todos um deslumbramento...
 Era, enfim um poeta admirado,
 Um poeta por todo o mundo amado!

Eis o poeta de eterna singeleza:
 Magro, pálido e muito moço ainda...
 O seu cabelo parecia á inglaterra...
 Mas a cabelleira era muito linda...
 Vivia sempre em alegria louca,
 Trazia um charuto ao canto da bocca...
 Cantou a Natureza e as flores
 Cantou a sua terra em harpas
 Cantou os campos e os céos [sonóras] d'amores

Como gentis córos d'aves canóras...
 Este poeta cantou as estrellas,
 Toda a noite ficava mudo em velas.

II

Depois d'uns annos furiosamente,
 Saiu o nobre cantor a correr
 Pelas ruas impacientemente,
 Pedindo ao povo assumpto pra poder
 Com tanta admiração e magia
 Compôr, ao menos, uma poesia!

E' que o puro cantor melodioso,
 Fazia tantas, tantas poesias,
 Que ao fim de certo tempo
 Não podendo fazer mais melodias [furioso]
 Jurou que não achando mais [assumpto]
 Todos o veriam morto, um
 [defunto...]



O poeta.

[Signature]

RECITATIVO.

O FIM DO ANNO.

Como tudo canta e goza,
Quando chega o fim do anno!

A creança estudiosa
Deixa o seu trabalho insano

Muito alegre e sorridente,
Despede-se bem contente
Do anno que vai morrendo...

Espera que, venha trazendo
O outro anno, felicidades!
Mais de mil pros peridades!
Despede-se triste o velhote!

Entra um alegre pequenote
Que vem, ao povo sorrindo,

Entre mil flores surgindo,
Trazer uns felizes dias,

Todos cheios de alegrias!!!

Sorrie canta, oh! creança,
Tem em Deus viva esperança!



FIM DE ANNO.



Esmolas...

Feliz a mão que dá uma esmola.
 Feliz o coração pequenino,
 E caridoso do menino,
 Que dá esmolas; como ensina a escola?
 Infeliz do desgraçado pobre
 Que não tem água, não tem pão?
 Infeliz do pobre coração!
 E Feliz do coração que é nobre!
 Dar esmolas, menino é amor!
 Dai uma esmola aos pobresinhos
 Ao tristonho, humilde passarinho
 Que anda no mundo junto à
 [dor]



LISTA

Final....

Eis, do meu livro, o final,
 (E os versos encerrados.)

Elle é voss o, ó ~~meu~~ pais
 lamados!
 Eis, ahí todo o final!

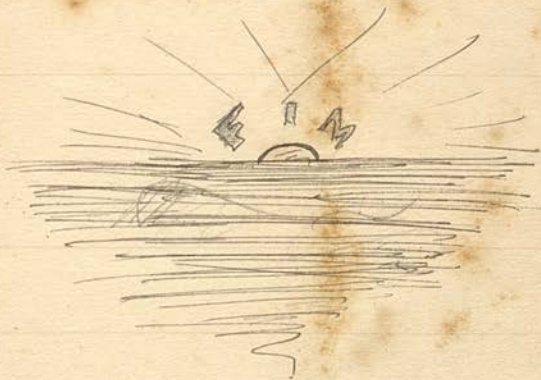
(- prova de gratidão

este livro que vos dou!

Muito grato filho, sou,

filis, prova de gratidão!

"Alma Infantil" é a minha obra
Que Eu vos dedico, ~~de~~ bem contente.
Não é somente um presente,
É sim gratidão esta obra!



Errata.



128

Errata.

- | Na pag. | Em vez de | Leia-se. |
|---------|---|----------|
| 28 | nação | bandeira |
| 96 | logo depois de formoso, leia-se a pala- | |
| " 11 | vra, ^{que} na poesia não foi escripta, altiva; | |
| " 11 | a quadra fica assim: | |
| 11 | Formoso, altivo, cheio de belleza! | |
| 98 | logo depois da palavra mar, | |
| 4 | leia-se as seguintes palavras: | |
| | que e' inquieto: | |
| | ~~~~~ | |
| | No mar que e' inquieto fulguram
[do] | |

Índice

DEDICATORIA

PREFACIO

PRIMEIRA PARTE.

I	O TRABALHO	7
II	O DESPREZO	9
III	A VELHINHA	10
IV	A UNIÃO	11
V	PAZ	13
VI	O ESTUDO	14
VII	A AVAREZA	16
VIII	A ordem	18
IX	A esperança	19
X	A coragem	21
XI	A verdade	23
XII	PATRIA	25
XIII	Symbolos da Patria	27
XIV	A nossa bandeira	31
XV	O soldado	34
XVI	A Paciencia	37

SEGUNDA PARTE

XVII	Amanhecer	41
XVIII	Amor filial	42
XIX	O Boi	45
XX	O Torção Natal	47
XXI	AO BRASIL	49
XXII	Angelus	51
XXIII	A nossa alma	53
XXIV	As maternoas caricias	54
XXV	O jornaleirozinho	57
XXVI	O heroismo de uma criança	60
XXVII	Rico e Pobre	66
XXVIII	Homemagem ao vovô	69
XXIX	O pobre trabalhador	71
XXX	O menino vadio	73
XXXI	A aurora	75
XXXII	HISTORIA de um medroso	78

Indice.

xxxiii - Maio	80
xxxiv - No cemitério	82
xxxv - Manhã chuvosa	83
xxxvi - Ao meio-dia	85
xxxvii - O descambar do sol	86
xxxviii - Conselho da vovó	88.
Terceira Parte. Poesias.	
xxxix - Manhã de Outubro	93
xl - Vellas	94
xli - O Corcovado	96
xlII - O campo de batalha	97
xlIII - Aurora	98
xlIV - Ao meio-dia	99
xlV - A tarde	100
xlVI - A' noite	103
xlVII - As férias	105.
xlVIII - É triste ser criada	107
xlIX - Não gosto de estudar	110
l - O menino esquecido	112.
lI - O grande poeta	114.
lII - o fim do anno	117.
lIII - Escolas	119
lIV - Final	121.

Errata

129

Este livro foi impresso nas officinas
da Livraria H. Garnier & C^a,
em principios de
Janeiro de 1918.

